

***Portugal d'agora, de João do Rio.
Int., org. e notas de Sílvia Maria
Azevedo e Tania Regina de Luca.***

**São Paulo: Ed. da Unesp; Lisboa: CLEPUL, 2020
ISBN 9788595463707**

Alvaro Santos Simões Junior
Universidade Estadual Paulista/CNPq

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n46a465>

Há exatos cem anos, a caminho de sua casa em Copacabana, morria a bordo de um Studebaker pertencente ao pai do escritor Luís Martins um intelectual que, exercendo o jornalismo, alcançou notoriedade tal que ingressou na Academia Brasileira de Letras antes de completar trinta anos. Tratava-se de Paulo Barreto, que entrou para a história literária com o pseudônimo de João do Rio, com o qual assinava seus livros.

Em sua homenagem, seus colegas *imortais* apenas interromperam por alguns minutos a primeira sessão realizada após a sua morte. Essa atitude meramente protocolar contrastou com a grande comoção popular que transformou o seu enterro em um evento histórico, pois foram às ruas cariocas, para prestar uma última homenagem ao escritor, segundo diversas fontes, mais de cem mil pessoas.

Essa multidão era constituída principalmente por imigrantes portugueses ou por filhos e netos de portugueses. Havia razões imediatas e também mais antigas para que a colônia lusitana do Rio de Janeiro se mobilizasse para manifestar seu carinho e gratidão pelo literato e jornalista falecido.

João do Rio transformara o jornal que fundara e dirigia no final de sua vida em uma trincheira para defender os interesses dos portugueses estabelecidos no Brasil, particularmente dos pescadores, ameaçados em sua subsistência por projeto de nacionalização da pesca. Não lhes restava alternativa; ou obtinham cidadania brasileira ou se afastavam da atividade, transformada com a nova lei em monopólio dos brasileiros.

No contexto de acentuado nacionalismo do primeiro pós-guerra, o ostensivo posicionamento do jornal *A pátria* em prol dos pescadores portugueses foi por muitos considerado traição. Como a Marinha defendia a nacionalização da pesca, João do Rio transformou-se em alvo do ódio da corporação militar. Poucos dias antes de morrer, o elegante cronista fora covardemente espancado por oficiais da Marinha em um restaurante do largo da Carioca.

Para detratores de João do Rio, bem representados na imprensa por Antônio Torres e Humberto de Campos, líderes de verdadeira campanha de difamação contra o escritor, sua pena fora vilmente alugada pela colônia portuguesa. A verdade, porém, é que sua simpatia por esses imigrantes poderia ser constatada em velhos artigos de jornal, alguns dos quais foram reunidos em *A alma encantadora das ruas* (1908). Refiro-me especialmente aos textos “A fome negra” e “Como se ouve a missa do ‘galo’”.

Com a celebração do referido centenário, que hoje obriga a retomar as circunstâncias da morte do escritor, torna-se oportuno comentar aqui a recente segunda edição de *Portugal d'agora*, preparada por

Sílvia Maria Azevedo e Tania Regina de Luca, docentes da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP) e pesquisadoras do CNPq.

O livro de 286 páginas, que pode ser obtido gratuitamente no site da Editora Unesp ou, então, impresso sob demanda, integra a Coleção Brasil, dirigida por Vania Pinheiro Chaves e Tania de Luca e co-editada pelo Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Universidade de Lisboa.

Trata-se de uma publicação notável dos pontos de vista filológico e histórico, considerando-se os cuidados das pesquisadoras no estabelecimento do texto e na apuração das circunstâncias em que se deu a primeira edição. Tendo resultado da recolha e reordenação de textos divulgados previamente na imprensa como registros da primeira viagem de João do Rio à Europa em 1909, o livro possui, por isso, fontes primárias preservadas nas coleções de periódicos cariocas como o matutino *Gazeta de notícias* e o vespertino *A notícia*. Em virtude dos pastéis e outros defeitos gráficos e editoriais da edição Garnier de 1911, as organizadoras da nova edição fizeram um cuidadoso cotejo do texto do livro com as versões jornalísticas e introduziram correções e aperfeiçoamentos nessa nova edição, conforme indicam lealmente na introdução e em várias notas do volume. Além das informações propriamente filológicas, as notas de rodapé trazem também dados biográficos de literatos, jornalistas, políticos e artistas citados, ordenados no final do volume em um útil índice onomástico.

A detalhada reconstituição histórica da introdução enfatiza, entre outros aspectos, como o teor de *atualidade* da obra teria sido prejudicado pelo estabelecimento da República em Portugal em 5 de outubro de 1910 e, o que é talvez mais importante, como o livro representava os primeiros passos de um ambicioso projeto de integração cultural dos dois principais países lusófonos.

Como bem observam as organizadoras, o prólogo “Este livro”, escrito em Nice, procurava assegurar o interesse de *Portugal d’agora*

apesar da grande transformação em curso com o fim da Monarquia e do novo contexto de crise e conflitos sociais e políticos que o próprio João do Rio pudera constatar ao desembarcar pela segunda vez em Lisboa no mês de janeiro de 1911, quando testemunhou a cidade convulsionada por greves das mais diferentes categorias de trabalhadores. A saída encontrada pelo autor para disfarçar o problema foi apelar para a essência da alma portuguesa, supostamente inalterável e captada no livro: “em plena agitação encontrei o mesmo povo extraordinariamente bom e jovem, o mesmo povo sentimental e lírico” (RIO, 2020, p. 41).

Pode-se dizer que estavam a ameaçar a atualidade do livro não apenas o acontecimento histórico de grandes proporções, mas também a obsolescência das balizas epistemológicas entre as quais se movia o atento jornalista. A transformação política de Portugal era resultado da falência das instituições monárquicas, incapazes de responder à necessidade de desenvolvimento econômico do país e de reagir às demandas por direitos e participação política da burguesia, de estratos médios e do proletariado urbano numeroso e crescentemente organizado. Se, por um lado, João do Rio foi suficientemente sensível e perspicaz para perceber os prenúncios e a iminência de uma grande transformação em Portugal, empenhou-se, por outro, na busca de uma *essência do povo português*, supostamente manifestada nas feições do rosto e formato do corpo de homens e mulheres, no modo de falar e comportar-se dos portugueses etc. Observem-se, a propósito, alguns trechos colhidos ao acaso:

A doçura para os inferiores era bem uma característica da raça portuguesa. (RIO, 2020, p. 90).

Depois de algum tempo em Portugal, começa a gente a ter a certeza de que, se não há povo mais lindo fisicamente, não o há também tão bom, tão inocente, tão sincero, em todo o mundo. (RIO, 2020, p. 125).

Dizemos: a portuguesa, a parisiense, a brasileira, de um modo geral, emprestando-lhes qualidades definidas, como se as mulheres fossem feitas segundo receitas fixas, como os doces bons. A verdade é que são de fato. (...) Portugal é o país da ternura. Não da ternura que, herdada pela nossa terra, pode ser considerada a luxúria, mas da ternura, traço de bondade, traço de carinho, beijo inocente, suave harpejo da alma. A mulher portuguesa é a urna perfeita dessa ternura; é a musa rústica daquele luminoso sonho de paisagem, boa, doce, resignada, companheira, amorosa, florindo a existência da terra, enchendo inconscientemente de beleza cada canto. (RIO, 2020, p. 179).

Poderia ser mencionada também a entrevista com Guerra Junqueiro, toda tecida em torno de características supostamente essenciais então atribuídas às raças constituintes do Brasil, inclusive as que se incorporaram em então recentes fluxos imigratórios.

O texto é, portanto, datado, como todos mais ou menos o são. Essa constatação acaciana não anula, está claro, o interesse do texto para o leitor atual, que pode encantar-se com a verve, o humor, o estilo ágil e, sobretudo, a arte de João do Rio em descrever tipos humanos, usos e costumes de uma fase da história portuguesa. Lê-se com prazer, logo no início, o relato de como se dava a sociabilidade no interior de um transatlântico, onde pessoas de uma elite cosmopolita eram obrigadas a conviver por cerca de quinze dias, tempo médio de duração de uma viagem entre Rio e Lisboa. Notáveis também são as descrições do mosteiro dos Jerônimos, da vida noturna de Lisboa e dos *aspectos da miséria* nessa cidade, para usar de expressão presente em *A alma encantadora das ruas*. Despertam grande interesse as perspicazes análises do jornalismo lisboeta e da vida literária portuguesa. Muito vívido também é o tratamento dado à atividade teatral em Lisboa, historicamente ligada a sua correspondente carioca pela presença constante de artistas portugueses (atores, cantores, diretores, empresários, cenógrafos etc.) na cidade do Rio de Janeiro. João do

Rio revela sua argúcia de *reporter* ao tratar dos caixeiros do comércio e dos restaurantes portugueses e fazer saborosas comparações com seus companheiros cariocas. Sua “bossa sociológica” (MARTINS, 2008, p. 16) evidenciou-se quando dissertou sobre a presença dos negros na sociedade portuguesa ou o difuso anticlericalismo popular, fermento da agitação republicana.

Importância decisiva tem o livro, como bem apontam Sílvia Maria Azevedo e Tania Regina de Luca na introdução, por ser o primeiro resultado do projeto a que João do Rio iria dedicar-se na segunda década de sua breve mas brilhante carreira lítero-jornalística. Conversas com intelectuais portugueses em banquetes em sua homenagem ou em encontros casuais, visitas de cortesia, “pesquisa de campo” e reuniões de trabalho tornaram o escritor brasileiro consciente da conveniência de fortalecer e ampliar os vínculos afetivos, editoriais e culturais entre brasileiros e portugueses. Em função desse projeto de integração luso-brasileira organizou *Portugal d'agora e Fados, canções e danças de Portugal* (1910) e preparou, em parceria com João de Barros, a publicação de *Atlântida: mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil*, cujo primeiro número foi lançado em 15 de novembro de 1915, data que dispensa comentários.

Talvez não fosse despropositado avançar que a primeira viagem de João do Rio representou o fim de uma primeira fase da obra do escritor e a abertura de uma segunda, interrompida bruscamente por sua morte. Em *Teresina etc.*, Antonio Candido já mencionara a existência de duas fases na obra de João do Rio. Na primeira, poderia ser apreciado o “radical de ocasião” (CANDIDO, 2007, p. 77), capaz de mostrar empatia para com os desvalidos e de ser o fiel portador de protestos por justiça social. Esse radicalismo de ocasião arrefeceria na segunda fase para dar espaço ao mundanismo de cronista social de obras como *Psicologia urbana* (1911), *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar* (1916), *Pall-Mall Rio* (1917) e *A correspondência de uma estação de cura* (1918), entre outras.

A reedição de *Portugal d'agora*, com a esclarecedora introdução que a acompanha, permite considerar que a primeira viagem à Europa, relatada no livro, significou o relativo abandono do *localismo* tão bem representado por obras como *As religiões do Rio* (1904), *A alma encantadora das ruas*, *O momento literário* (1909) e *Cinematógrafo* (1909), grandes sucessos de livraria que franquearam as portas da Academia Brasileira de Letras a João do Rio. A descoberta do Velho Continente abriu possivelmente para o escritor uma *perspectiva cosmopolita* que veio a coincidir com os interesses e ideologia de uma elite carioca em processo de franca europeização cultural.

Note-se, porém, que João do Rio acabou por nadar contra a corrente no final da sua carreira literária, assim como fizera no princípio. Quando o Rio vivia os *tempos eufóricos* da reforma urbanística de Pereira Passos, cujos pressupostos racistas e cosmopolitas eram patententes, Paulo Barreto, já transformado em João do Rio, trazia à luz da publicidade a população mestiça e oprimida e a cultura popular local. Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que desencadeou o recrudescimento do nacionalismo e da xenofobia ao redor do mundo, o diretor da revista *Atlântida* e do jornal *A pátria* insurgiu-se contra a lusofobia dos jacobinos e o nacionalismo estreito de autoridades políticas e militares que inviabilizavam a sobrevivência de humildes pescadores portugueses.

Em conclusão, caberia dizer que Sílvia Maria Azevedo e Tania Regina de Luca saldaram, com a nova edição de *Portugal d'agora*, assim como já haviam feito há pouco com reedição de *O momento literário* (2019), parte da dívida *ainda aberta* da Academia com um autor que, além de ter sido um prolífico *best seller* nas duas primeiras décadas do século XX, inundou os periódicos brasileiros de crônicas, contos, textos de crítica artística e literária, reportagens e entrevistas de grande valor histórico e literário.

RECEBIDO: 31/07/2021 **APROVADO:** 05/08/2021

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Teresina etc.* 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

GOMES, Renato Cordeiro (ed.). *João do Rio*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. (Nossos Clássicos.)

MARTINS, Luís (ed.). *João do Rio: uma antologia*. Sel. e apresentação de Luís Martins. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Org. de Raúl Antelo. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. (Companhia de Bolso.)

RIO, João do. *O momento literário*. Org., int. e notas de Sílvia Maria Azevedo e Tania Regina de Luca. São Paulo: Rafael Copetti, 2019.

RIO, João do. *Portugal d'agora*. Int., ed. e notas por Sílvia Maria Azevedo e Tania Regina de Luca. Lisboa: CLEPUL/FLUL; São Paulo: Ed. Unesp Digital, 2020.

RODRIGUES, João Carlos. A flor e o espinho. In: RIO, João do. *Histórias da gente alegre: contos, crônicas e reportagens da Belle Époque carioca*. Sel., int. e notas por João Carlos Rodrigues. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. VIII-XVIII.

MINICURRÍCULO

Alvaro S. Simões Jr. é professor de Literatura Brasileira da UNESP e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Pesquisador do CLEPUL (Universidade de Lisboa), é autor de *A sátira do Parnaso* (2007), *Estudos de literatura e imprensa* (2015) e *Bilac vivo* (2017), todos publicados pela editora da Unesp. Em *Sátiras* (2018), coedição da Editora da Unesp e do CLEPUL, reuniu versos satíricos e humorísticos de O. Bilac.